O Individualismo através da Literatura

ESTUDOS DA LITERATURA FRANCESA

IDADE MÉDIA

I

No século XI, à data da primeira Cruzada (1095), a emoção em que a voz de Pedro Eremita abalou a Cristandade, um fenómeno principalmente põe em relevo, tanto mais digno de estudo, quanto de impossível repetição no ulterior desdobramento da história do velho mundo. Refiro-me à homogeneidade moral e mental do bloco social em que o movimento das invasões amassara o Ocidente europeu.

Essa homogeneidade em tão solidária actividade se dinamiza, que, lembrando Durkheim, não se resiste à tentação de considerar a sociedade europêa, se apenas lhe focarmos o aspecto moral, como não tendo ultrapassado ainda a fase da *solidariedade mecânica,* que o sociólogo francês comparava à *solidariedade molecular* nos corpos inorgânicos, tanto nessa fase a consciência individual está ainda profundamente adormecida e a consciência colectiva é a única a elaborar a história ([1]).

?Qual era, porém, o princípio coesivo desse bloco? — Uma mesma fé — repete-se — articulada por uma mesma autoridade religiosa.

?Mas essa unidade religiosa como explicá-la? Porque

([1]) E' nesta solidariedade que, segundo a fórmula do sr. dr. Leonardo Coimbra, "cada *eu* é a repetição dum *Nós* mais real e efectivo".

não existiu ela nos primeiros séculos cristãos, perturbados das lutas das seitas, e porque não durou para além do século XVI, vencendo as dissidências luterana / calvinista ou anglicana?

Há, evidentemente, uma realidade mais profunda, nessa unidade religiosa implicada, que é bem se ponha em relevo. Refiro-me à simplicidade que homogeneizava as almas vindas das florestas virgens, às quais depois a incultura duma civilização destruída quási inteiramente homologou as restantes.

Simplicidade, em psicologia, traduz vida interior rudimentar, mal-nascente faculdade reflexiva, ausência de espírito crítico, e, consequentemente, existência quási exclusiva de representações colectiva ou sentimentos colectivos;—de onde, pela ausência de *princípios diferenciadores, individualizantes,* a homogeneidade das almas, ou melhor, — a *homogeneidade da alma bárbara* ([1]).

Esse princípio de coesão era, porém, evidentemente precário. Tirava a fôrca de um estado moral colectivo que havia de passar, como a infância passa.

Por um lado, a incessante divisão do trabalho social cada vez mais delimitava às almas a sua actividade — e é bem sabido que tanto mais nos libertamos da uniformizadora pressão colectiva, quanto mais nos entrincheiramos numa esfera de actividade *própria* (2). Por outro lado, pelo determinismo imperioso da sua virtualidade imanente, elas ampliariam cada vez mais o seu conteúdo íntimo, de modo a volver-se em vinca- . das fisionomias adultas o que eram quási uniformes esboços infantis.

Bastava, para que tal resultado se apressasse, que serenasse um pouco o tumulto social dos primeiros séculos da Idade-Média.

A cultura intelectual viria enriquecer, animar de vida interior as consciências. A filosofia breve lançaria o germe

(1) ? Mas o individualismo medieva?
O individualismo medieval, de onde resultou a tumultuária quebra dos laços do poder temporal, como usava chamar-se-lhe, e conseqüente fragmentação de suzeranias e oposição de interesses materiais, é apenas o desencadeamento do instinto anárquico da liberdade de acção, que não a consciente emancipação de almas que atingiram a maioridade. Breve, em artigo próximo, falaremos de como essa primeira fase do individualismo exterior – *activo*, toscamente prefacia a fase do individualismo interior – *moral e mental*, que nos ocupa.

Durkheim – "De la Division du Travail Social".

das primeiras dúvidas. Depois, a efervescência quinhentista esperava o momento de acordar a ânsia das aventuras loucas, .que -dissipariam cerraceiros à inteligência e outros caminhos rascariam à vontade, abrindo em flores libertas as individualidades modelares e incitantes.

A lei de Spencer, segundo a qual tôda a realidade evolue do homogéneo para o heterogéneo, quaisquer que sejam os desmentidos com que a Física a desautorize, encontra neste momento social em que escorar-se.

Estudar, através da Literatura, esta evolução do *individualismo,* não do individualismo considerado como sucessiva rebeldia do indivíduo contra o grupo, mas como evolutiva autonomização de espíritos preparando-se para um acôrdo social consciente — estudar, direi melhor, a literatura, para nela surpreender o *processus* por que eles se têem descoberto a si mesmos, é todo o objectivo deste trabalho.

?Esta tímida intenção sociológica, subordinará a crítica ao despotismo de determinantes mentais, além de preconcebidas, alheias ao campo que escolhemos para explorar?

Não seremos nós quem de tal ajuíze. Entanto, *à priori* nos julgamos no direito de supor o contrário.

A actividade literária, porque é humana, bem pode ser observada, sem deformações, do ponto de vista sociológico da evolução individualista, que é, afinal, a resultante de tôdas as actividades humanas.

É olhar do alto duma cumeada para uma parte do horizonte que ela domina.

Pequeníssima parte, em boa verdade, aquela que nós vamos estudar, comparada com a imensidade do horizonte. O que importa, porém, não é olhar *muito* ao largo, é olhar *bem,* ainda que ao perto.

De tôda a riqueza literária da Edade Média francesa, foquemos hoje, subordinadamente *ao ponto de. vista da evolução do individualismo,* dois dos mais importantes poemas, dos que mais larga repercussão tiveram e mais profunda influência exerceram: *Chanson de Roland* e *Romaii de Tristan* ([1]).

(1) Seria de todo o interesse alargar o campo da documentação. Impede-o, todavia, a dificuldade bem conhecida de a encontrar nas nossas bibliotecas. Depois, este estudo foi feito sôbre uma parte do programa.

Correspondem, respectivamente, ao século XI e XII.

O primeiro, embora de elaboração preparatória muito anterior, é no século XI que cristaliza na forma literária em que o conhecemos. Ao segundo atribui-se uma elaboração que vem desde o século ao aperfeiçoamento literário que recebeu no século XII. E porque os distancia um século, cumpre verificar:

1.º Se as condições sociais em que um e outro surgem marcam de facto duas *étapes* na linha evolutiva de que falámos;

2.º Se os seus elementos constitucionais na mesma proporção se diferenciam, em correspondência àquele progresso social registado.

Quanto ao primeiro quesito, basta recordar datas.

A Chanson de Roland teria sido escrita, segundo as conclusões da crítica erudita, entre 1066, data da conquista da Inglaterra pelos Normandos, e 1096, data da 1.ª cruzada. Como Roland havia sido morto em 778, a erudição documenta suficientemente a hipótese de, neste lapso de tempo, se haver realizado uma longa elaboração poética de cantilenas, a que o autor do Manuscrito de Oxford quási apenas desse arranjo e forma literária definitiva.

Ora durante êste espaço de tempo, ?que se passa em França? — A França agita-se nas lutas entre os descendentes cie Carlos Magno, as invasões dos Normandos, e as várias refregas de fronteira contra os Sarracenos da Aquitânia e Espanha. Lutas de formação e consolidação da nacionalidade; e neste campo assim talado de bandos em combate, a obliteração quási completa das tradições clássicas, que sob Carlos Magno um pouco se haviam reavivado. Portanto, em duas palavras: — Vida tumultuária de acção; ausência de vida intelectual.

Roda um século, porêm. E é a data do *Roman de Tristan* (fins do século XII). Plena fase das lutas de organização da Franca, em torno dum poder rial a fortalecer-se. Reina Filipe Augusto. ?Lutas de organização? Antes, mais extensiva-

da cadeira de Língua e Literatura Francesa, onde, à exposição do quadro geral da literatura medieval, preferi o estudo mais cuidadoso dos seus autores mais representativos.

mente, *esfôrço organizador,* que nem sempre os resultados se obtiveram *lutando,* mas *negociando, intrigando, legislando.* O Feudalismo continua realizando a sua acção principal — isolar o *bardo*-detentor abusivo e desarticulado da autoridade anárquica, para esboçar o *homem-cidadão,* consciência viva e emancipada, capaz de acordo social. A sociedade progride no aperfeiçoamento da sua hierarquização. A burguesia surge e afirma-se na insurreição comunal; e o exemplo contagia os camponeses. A parte da sociedade presa ao passado tumultuoso — excedente de energias sem aplicação — havia um século que, na movimentação social das cruzadas, andava agitando e renovando o seu mundo interior, enriquecendo moralmente, na mesma proporção cm que materialmente empobrecia, com as inéditas perspectivas dos horizontes que se ampliavam, no contacto com outras civilizações, nas dolorosas mas fecundas experiências e desilusões duma vida mais larga e portanto mais educativa.

Surpreendemos, é bem de ver, um passo para a *heterogeneização* da primitiva *homeogeneidade.* Menos distraídas pelo tumulto exterior, melhor as almas escutavam a fecundação íntima e intensificada de sentimentos e ideias. E a sua transformação em *indivíduos* morais e intelectuais definidos, já a prefacia esta diferenciação mais perfeita em classes ([1]).

Mas vejamos a segunda parte do problema: A tradução literária dêstes dois estados da evolução social, não é evidentemente em duas obras apenas que se poderá ler. Os aspectos são múltiplos; e não caberia a sua análise nos

(1) *"La phisionomie sociale de la France et de l'Europe se modifie notablement à l'apparition des communes* (XI-XII siècles)... A mesure que ce nouveau peuple prend de 1'extension, l«a classe propriétaire et militaire qui était jusqu'à ce moment *toute la nation,* va se transformer en une *partie superieure de la nation,* c'est-à-dire en une "noblesse"... les membres de l'Eglise vont former une autre noblesse qu'on appellera le "clergé". Et les membres des consulats et communes seront le *tiers état...*" Garreau — L'état social de la France au temps des croisades.

limites em que este trabalho é constrangido a confinar-se. Todavia, se não é impossível surpreender, numa fórmula simples, o traço fisionómico mais expressivo dum momento social, eu julgo que os tempos anteriores ao século XI se definirão por uma intensa *combatividade patriótica;* e que, de toda a agitação do século XII, resulta, como precipitado social, o *indivíduo,* moral e mentalmente mais demarcado, emergindo da antiga homogeneidade colectiva e aperfeiçoando o esboço humano que o Feudalismo bosquejara.

Ora a *combatividade patriótica* é o tema da *Chanson de Roland.* E o *Roman de Trisfan* desdobra-se todo em torno da fatalidade da paixão amorosa. E por este tema bem se pode dizer que estabelece a transição para o lirismo; mais — que é já pela matéria, embora pela forma se conserve épico, uma tentativa do lirismo que exprimirá o estado social que se prepara.

Mas recordemos um pouco de psicologia. Estudemos à sua luz os temas citados — *Amor pela Pátria e amor por uma mulher* — e vejamos se, em relação ao primeiro, o segundo implica e intensifica progresso notável na tendência individualista que estudamos, ou melhor, porque assim tão nu o problema envolve um *x* de Mr. de la Palie: - se o segundo tema mais que o primeiro provoca desdobramento e enriquecimento espiritual e, conseqùentemente, progresso no individualismo moral e mental.

Qualquer que seja a teoria preferida sôbre a natureza do sentimento; ou, como na teoria intelectualista, êle se considere o expoente dinâmico de ideias, sensações e imagens – *non datar cupiditas nisi detur idea rei amatae,* na fórmula de Espinosa; ou, segundo a teoria voluntarista, êle se tome, fundamentalmente, como fôrça vital espontânea, desenvolvendo-se subordinadamente ao princípio da finalidade, um facto é assente que autoriza a conclusão conveniente ao nosso objectivo. E vem a ser a importância que em todas as teorias se atribui à acção dos elementos intelectuais, nos fenómenos de ordem emotiva. Para Spencer a fôrça do sentimento é proporcional ao número das imagens ".. .tôdas as outras coisas iguais, as emoções são tanto mais

fortes, quanto elas contêem um maior número de sensações actuais, de sensações nascentes (ideias) ou das duas". ([1])

Para os psicólogos que defendem a tese voluntarista, o sentimento será, pelo contrário, um *primum movens.* E se existe proporcionalidade entre êle e o número das imagens, é porque êle é um *potencial de imagens,* na expressão de Rauh (2). Assim, os elementos intelectuais, isoláveis pela análise no sentimento, não originariam a sua eclosão ou aumentariam a sua intensidade, antes se submeteriam a essa eclosão e implicariam essa intensidade.

Traduzindo, portanto, em linguagem voluntarista o princípio de Spencer acima exposto, diríamos: "as emoções tanto mais fortes se revelariam, quanto em maior número de sensações ou ideias lograssem desdobrar-se".

Simplesmente, tais sensações ou ideias, postas assim ao serviço da emoção, não se compreende que não reagissem sôbre ela, ou activando-a, pelos suportes intelectuais que lhe oferecem — tese de Rauh — ou, pelo contrário, moderando-a, pela dispersão e desvio da energia original — tese de Ribot; ([3]) e, em qualquer caso, multiformizando-a, variando-a de indivíduo para indivíduo ou, pelo menos, de grupo para grupo. E é tanto à nossa tese importa — que em qualquer das teorias admitidas os elementos intelectuais têem acção no sentimento, seja como fontes de onde mana originariamente a onda emotiva, seja como seixos em que ela quebra, se complica e irisa de filigranas subtílimas.

Posto isto, atentemos um pouco nos temas dos poemas.

A expressão *combatividade patriótica* por que definimos o tema da C. de R., tenta significar, em primeiro lugar, que o poema é *exclusivamente* de acção. Distraídas no tumulto guerreiro, as almas, sem vida reflexiva, interior, apenas pelo gesto se revelam. Ora, como o gesto em todas é aproximadamente, igual, se exceptuarmos o desvio incidental de Canelão que desen-

([1]) Psychologje, Spencer (trad. fr.).
(2) Rauli — De la méthode dans ki Psychologie des sentiments.
([3]) Ribot—Psychologie des sentiments.

cadeia o drama épico, é bem de concluir que não se notem entre elas *diferenças individualizantes.*

> Roland est preux et Olivier est sage.

Eis quanto, em matéria de psicologias, marca o máximo de diferenciável na simplicidade dos heróis, ao mesmo tempo que regista o máximo de penetração analítica do poeta. O que os primeiros conseguem revelar e o que o último apenas será, por idênticas razões, capaz de ver, salvo uma ou outra qualidade moral mais simples e mais exteriorizada, são as qualidades físicas.

> Le fort, le prude, le merveilleux, le grand

E ainda falando de Abime, um sarraceno:

> Tâches a mauvaises et moult grandes félonies.
> Ne croit en Dieu, le fils de Sainte Mario.
> Ainsi est noir comme poix qui est fondu.
> Plus aime la trahison et la perfidie
> Que tout l'or de la Galice.

O primeiro verso exprime as qualidades *sensíveis* dum guerreiro e o segundo amontoa defeitos, ou de naturesa física ou à primeira intuição acessíveis. A última comparação, sobretudo, de prazer moral duma *traição* ao prazer material do oiro, bem mostra com que maior facilidade os homens do tempo equacionavam as coisas da alma com os factos exteriores, em cuja preocupação exclusivamente viviam ([1]).

Afinal, é bem sabido que a vida tumultuária de guerreiros não condiciona grande desenvolvimento à vida íntima. De onde, a negação para atitudes que conduzam à afirmação individualista ou a impliquem. A uma alma já adulta e rica e viva, a acção pode trazer têmpera, pureza, dilatação. O

(1) Vid. Garreau — 1'Etat social de la France aux temps des Croisades. Ò arguto historiador francês fotografa nitidamente a alma feudal. Depois de falar da impossibilidade para o barão medieval, de considerar uma ideia abstracta, diz: "Et en cela surtout, les Hommes du Moyen Age sont bien de vrais enfants: ils ne réfléchissent pas. Ils se laissent entrainer par 1'impression, par l'interêt immédiat, par une sorte de vitesse acquise qui les mèneut souvent beaucoup plus loin qu'ils n'ont prévu. Ils commettent des cruautés avec une indifférence stupide. Cet âge est sans pitié".

hábito da introspecção extrai de cada facto que passa, para enriquecimento interior, a porção de verdade e beleza que contenha. Não sucede assim às almas virgens, de primitiva simplicidade. Essas, se não é embalde que a vida para elas tumultua, é só porque do seu sono original lentamente as vai acordando. E' o quantitativo bruto do choque, não ainda a qualidade iluminante do facto que lhes produz o abalo subterrâneo. Como se amanhecessem na primeira infância, a *Vita-Mater* apaga-lhes a fome em leite virginal, mas nega-lhes os frutos da Arvore simbólica.

Em segundo logar, pela expressão *Combatividade patriótica,* queremos significar que o sentimento inspirador de tal acção é o *patriotismo;* e é o momento de recordarmos as conclusões da psicologia. O amor pela *douce France,* pela *Terre majeure,* mais que o culto por *Sainte Marie et son Fils,* mais que a aspiração às *Saintes fleurs de paradis,* é o grande sopro que encapela a onda loira de além Pireneus contra a onda trigueira que submergia a Península,

Ora o patriotismo medieval não poderia individualizar almas. As mal distintas características que estabelecem vagas diferenças entre as psicologias da C. de R. não é neste sentimento que têem sua origem. O patriotismo uniformiza-as, no heroísmo batalhador e na recordação da terra distante. Se na alma do próprio Ganelão, a menos simples, entanto, isolarmos o patriotismo do ódio pelos pares e da sede de vingança, verificamos que se traduz por palavras e atitudes idênticas. Como para todos os pares, a França é também para ele a *douce France.* E' lial para com Carlos Magno, a quem defende, com risco da vida, das injúrias de Marsílio; e é fiel à sua missão de embaixador, a que, sob a ameaça da morte, dá integral cumprimento. De Carlos Magno diz, como Roland o não diria melhor, nem mais sinceramente o sentiria:

> Je ne saurais assez 1'admirer, assez le louer devant vous.
> Car il n'y a nulle part plus d'honneur ni plus de bonté.
> Qui pourrait donner une idée de ce que vaut Charles?

Mesmo *à priori,* porém, se poderia assentar na incapacidade individualizadora do patriotismo na Idade Média.

Época sem cultura nem vida interior, como vimos, o

sentimento patriótico era quási exclusivamente o instinto da defesa associada dos lares, a ambição colectiva de domínio, manifestando-se ofensiva ou defensivamente. Seria ainda a *tendência sensitiva* a manter os mesmos gozosos hábitos em risco. Os olhos habituados a certa fisionomia de pessoas e coisas, os ouvidos afeitos à música da língua materna, conspiram muna tendência vitoriosa a manter próprio aquele pedaço de terra que W. James ([1]) integra no *eu físico,* tão entranhadamente aos que o habitam êle pertence. *Sentimento racional* ainda o patriotismo está longe de se revelar. Não envolve uma *afirmação intelectual consciente.* Dista muito ainda do patriotismo dos homens cultos de hoje, produto resultante e conseguintemente coeficiente activo (ou princípio organizador e assimilador, na tese voluntarista) do conjunto de representações geradas na cultura histórica, nas festas colectivas, no apostolado literário, etc.

Ainda, porém, que ele cristalizasse em torno de algum núcleo psicológico de carácter representativo — imagem de paisagem, de centro de romarias, de côrte, de herói lendário, recordações de derrota ou vitória, vivamente impressionantes, — estaríamos em presença de representações colectivas, absolutamente impróprias para provocar a *polimorfização individualista.* Bem ao contrário, ideias de tal ordem selam de igual sinal almas mesmo diferentes. Não heterogeneízam o homogénio. Homogeneízam o heterogénio. O próprio patriotismo dos tempos modernos veste as almas de uniforme, nos momentos em que faz parada. Há bem pouco a Europa viu, com mais surpresa que inteligência, sábios eminentes prefaciando, em linguagem de sciência, o que as armas depois tão à letra haviam de traduzir.

Concluindo: — na história e na literatura, na esfera da acção como na do sentimento, o "século XI ainda à França não dissolveu nem diferenc--iou o bloco social em que, no ponto de vista moral e intelectual, circunstâncias históricas tinham homogeneizado a massa humana da Europa ocidental.

([1]) W. James — Précis de Psychologie.

Analizemos agora o tema do Roman de Tristan, — a *exaltação do amor egoísta.* ?Regista-se nele algum progresso sobre o anterior, no ponto de vista a que os estudamos? E êsse progresso corresponde ao que já no aspecto histórico do século XII julgámos ver marcado?

A paixão amorosa, ou seja — o amor por uma mulher exaltada a única religião, único ideal com direitos a sacrifícios e com competência orientadora; amor que absorve na sua realidade imperiosa todas as outras realidades — é a mais forte afirmação do *individualismo moral.* Quem assim ama, sequestra-se ao grupo, para, sem as limitações dos egoísmos alheios, dar ao seu amor exaltado, que é afinal o seu egoísmo ampliado, a expansão que ele reclama. Pela extensão do mundo interior que êste sentimento domina, mais largamente e mais profundamente que o patriotismo sujeita e abala o indivíduo, dinamizando-lhe ao máximo todas as energias. O indivíduo é mais frequente e completa dádiva à sua impulsão, o que explica, a tese de Schopenhauer, que o considera o génio da espécie, em cujas mãos omnipotentes o homem é o mais passivo instrumento, nos próprios momentos de actividade mais convicta.

Mas isso não basta para lhe dar virtualidade individualizadora. Se o sentimento amoroso fosse apenas a energia genésica desencadeada, dinamizando instintos brutos, êle faria do seu sujeito um intenso sistema de tendências mais activadas, por forma alguma uma mais individulizada fisionomia moral.

Não sucede, assim, porém. Vimos já que o sentimento, se não deriva de elementos intelectuais, é por eles que se desdobra e se polimorfiza, por êles que se modela e logra, por seu turno, virtudes modeladoras.

Ora o sentimento amoroso liga-se a um número de *ideias e imagens individuais,* muito maior que o sentimento patriótico, que apenas incluía, nesse tempo sobretudo, *imagens e ideias* colectivas. ?E quantas imagens e ideias individuais não resultavam no poema da situação dos dois amantes? Situação moral contraditória e dramática, em que os coloca um amor que se sentia reprovado por Deus e perseguido pelos homens, ela seria perene fonte de astuciosas

mentiras e receios mortais, de derrotas e triunfos, de alegrias e penas, de delícias de paixão que o travo do pecado e do terror volvia em loucas volúpias de inferno. E de todo este borbulhar de vida interior, desta onda rolando cascalho e oiro, que é a emoção em cujo seio se agita tal riqueza de representações, bem *próprias* e bem *pessoais,* haviam de resultar, para as psicologias dos heróis, traços fisionómicos bem vincados, inconfundíveis características *individuais.*

E' o que já nitidamente se verifica na versão de Thomas, mais psicólogo que Béroul. Longa e rude, sem medida nem subtileza, mas significativa de complicação sentimental, é aquela tentativa de psicologia em que o poeta francês desenvolve a dramática situação moral de Tristan, quando casado com *Iseul aux mains blanches.* Se fica fiel à amante, foge aos seus deveres para com a esposa. Se cumpre estes, é perjuro para com aquela.

E' ainda Thomas que disserta sôbre o amor de Tristan, do rei Marc das duas Iseut, notando a estranheza da paixão que dolorosamente os escravizava:

> En ces quatre est étrange amour,
> En curent tous peine et douleur.

De Tristan diz-nos:

> *Double peine, double douleur*
> Ressent Tristan pour son amour.
> Epoux il est de cette Iseut Qu'aimer
> ne veut, qu'aimer ne vent. Ne trouve
> en elle autre plaisir Que le nom même
> qu'elle porte, Ce nom qui seul le
> réconforte-. *Il a douleur de ce qu'il*
> *q, Plus encor de ce qu'il n'a pas;*
> La belle reine, son amie, En qui est
> as mort et sa vie.

A paixão amorosa exaspera-se na sua consciência de fatalidade dolorosa:

> Sire, par dieu omnipotent, ii ne
> m'aime ni moi à lui, sinon par un
> poison dont je bus et il but: ce fut
> péché.

Ora tudo isto é vida interior que os heróis da Chanson de Roland desconhecem. Tais *elementos representativos* modelam inconfundivelmente a fisionomia dos amantes, a quem, nem o excesso da vida activa nem o adormecimento da alma no sono original, anulam na homogeneidade primitiva. Se já comparando com o Rei Marc —

Le roi n'éprouve qu' un tourment...

o poeta atribui aos dois apaixonados maior riqueza sentimental, ?que admira que uma crítica menos ingénua a saiba conhecer muito superior?

Isto que aqui se cita é o que o poema encerra, o que não passou despercebido ao mal aguçado instinto de psicólogos dos poetas medievos. Não fôra êle uma mal aguçado e nas astuciosas mentiras dos amantes, melhor nos mostrariam quanto, por elas, mais intimamente e profundamente as almas viviam.

A mentira era, para Tristan e Iseut, o encarceramento da alma na intimidade do ser. Mentir para eles, mais que na invenção das aparências dolosas, consistiria na gostosa contemplação da verdade guardada muito em segredo na alma, como uma linda virgem em sequestro. E quem oculta uma verdade, bem sabemos nós como amorosamente a mira e remira e com que volúpia a afaga, quási diria a manuseia. A recatada namorada, em seu egoísmo, convida o raptor a todo se ocupar dela, isolado da vida que passa. E nesse alheamento do mundo exterior, a alma percorre o mundo íntimo, e pela primeira vez atenta em suas riquezas e domínios.

Os heróis de C. de R. nada ocultam na alma. O próprio Canelão anuncia francamente aos pares as maquinações da sua vingança. Apenas, ao voltar da embaixada ao rei Marsílio, mentirosamente inventa, para esconder as suas maquinações, que o tio deste não lhe havia sido entregue, conformemente às condições de paz do imperador, porque em despeito se havia embarcado com alguns milhares de pagãos, como ele insubmissos, e as caravelas ele mesmo as vira naufragar perto da costa… Mas isto é excepcional num poema em que as almas vivem à flor dos sentidos, sob a larga luz do sol.

Não assim as almas dos dois amantes. Na corte, a sua vida é uma sucessão de receosas cautelas e hipocrisias for-

çadas. E por sob elas, aconchegando o seu amor, se passa inteira a sua exaltada e alarmada vida moral.

?Mas não estaremos nós a meter arbitrariamente no poema o que confessamos ele não conter? ?E não incorreremos na censura de generalizar estados morais, que, posto que verdadeiros, seriam individuais?

Não nos parece. O que o poema incontestavelmente encerra é a situação dos amantes — e essa autoriza plenamente as conclusões tiradas. E o que a história literária e social demonstra ser verdade é que, rodado mais um século e comunicados ao norte os hábitos do Sul da Franca, estes recatados amores hão-de generalizar-se mais e ter a definitiva sagração da poesia. E assim, falando das consequências que para as almas de Tristan e Iseut adviriam da sua paixão, eu falo das consequências que, para o individualismo moral, resultaram das novas condições em que se desenvolveu a tirania do amor individualista.

Porque o século em que aparece o *Roman de Tristan,* ouve igualmente os cantos provençais de Jaufre Rudel, Marcabrun, Ventadour, que são três almas de maioridade, com uma riqueza interior bem pessoal. Veremos em breve que uma das regras do código de amar do lirismo provençal era, como é bem sabido, a *discreção.* Bem se compreende que a mentira fosse o biombo necessário detrás do qual as almas se miravam e beijavam. Pois muito bem. Na estreiteza rígida desse código que uniformizava de impersonalidade as atitudes morais, era a mentira que condicionava às almas o amor por que se subtraíam ao rasoiramento da regra. Para as levar à reflexão que complexiona e refina, ?que melhor havia que essa discreção regulamentar, de que resultava a ruminação *oculta* dos seus bens espirituais, o mesmo é que dizer —a intensificação da vida reflexiva, a formação interior, a *diferenciação individualista?*

Simplesmente, a alma céltica, essencialmente lírica, punha no amor que assim ocultava mais intensidade de paixão; e, no ponto de vista dessa diferenciação, isso compensaria a mais espessa rudeza dos homens do norte da superioridade intelectual dos homens da Provença, que a sorte mais tinha poupado ao nivelamento brutal das invasões e onde a cultura romana mais demoradamente havia actuado.

Por forma que poderemos concluir, agora, que o he-

róis do Roman de Tristan têem, mais que os da Chanson de Roland:

1.° Uma vida interior rica e própria; pois, por um lado, menos a acção os distrai da contemplação interior; por outro lado, mais a situação os isola, no meio adverso.

2.° Conseqùentemente, atitudes de almas que acordam e se isolam, afirmando e realizando acção independentemente do grupo ou contra o grupo — por uma forma caracteristicamente *individualista*.

HERNANI CIDADE..